

O FANTASMA DO NAVEGANTE: A INVISIBILIDADE DA QUESTÃO RACIAL NAS ANÁLISES SOBRE A REVOLTA DA CHIBATA NO *YOUTUBE*

The Ghost of The Navigator: invisibility of racial issues in *YouTube* video analysis on the Revolt of the Whip

Rafael Chaves Ferraz¹

Resumo: O uso constante do telefone celular por estudantes impõe diversos desafios ao professorado brasileiro. Contudo, o aparelho também tem sido utilizado pelo alunado para o estudo, a partir de conteúdos disponíveis na internet, em plataformas como o *YouTube*. Os vídeos dessa plataforma são o tema da pesquisa ora apresentada, cujo objetivo é selecionar e analisar vídeos para identificar marcadores de historicidade, cultura histórica e conceitos-chave relativos à disciplina, e compreender a dinâmica do uso de vídeos no *YouTube* como ferramenta de aprendizado. Para tanto, utilizou-se vídeos acerca da Revolta da Chibata e de João Cândido, analisando de que forma abordam as questões étnico-raciais inerentes à Revolta e ao personagem, o que tornou evidente como a plataforma pode tanto reproduzir invisibilidades históricas quanto servir como um espaço para novas narrativas e reflexões críticas.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Revolta da Chibata. *YouTube*.

Abstract: The constant use of cell phones by students poses several challenges to Brazilian teachers. However, the device has also been used by them to study, based on content available on the internet, on platforms such as *YouTube*. Videos on this platform are the subject of the research presented. Its objective is to select and analyze videos to identify markers of historicity, historical culture and key concepts related to the subject, and to understand the dynamics of using videos on *YouTube* as a learning tool. To this end, videos about the Revolt of the Whip and João Cândido were used, analyzing how they address the ethnic-racial issues inherent to the Revolt and the character, which made it evident how the platform can both reproduce historical invisibilities and serve as a space for new narratives and critical reflections.

Keywords: Ethnical and racial relations. Revolt of the Whip. *YouTube*.

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestrando em Ensino de História pela mesma Universidade. <http://lattes.cnpq.br/8757168612960840> . rafaelchaves1@gmail.com.

Introdução

Um dos maiores desafios postos aos professores na atualidade é a *competição* com o aparelho de telefone celular. Não obstante, o celular também passou a ser usado pelos estudantes como meio para o estudo, de História inclusive, por meio de conteúdos disponibilizados na internet. O uso da plataforma *YouTube* é bastante difundido entre estudantes, que se utilizam de vídeos como forma de aprendizado alternativa (mas não necessariamente concorrente) à sala de aula.

De acordo com a pesquisa *Video Viewers*, citada por Brito e Rodrigues Jr. (2021), nove em cada dez consumidores de vídeos online utilizam o *YouTube* para estudar. Assim, torna-se pertinente uma pesquisa acerca das relações étnico-raciais na História do Brasil no ensino de História a partir de vídeos publicados no *YouTube*.

A presença, ou não, de elementos que dimensionem tais relações no contexto dos vídeos analisados é a temática deste trabalho, adstrita à figura do “Navegante Negro” João Cândido Felisberto, personagem da Revolta da Chibata de 1910, e cujas memória e esquecimento (ou apagamento) nos exemplificam o papel de protagonistas negros na História pátria. A figura complexa de João Cândido é o ponto de partida para a análise dos vídeos selecionados, nos quais se busca compreender se o(a) estudante que os assiste tem acesso ao debate sobre as questões étnico-raciais envolvidas na Revolta da Chibata, tão importantes para a necessária construção de uma educação decolonial e antirracista.

As narrativas construídas sobre o tema nos vídeos do *YouTube* são evidências audiovisuais para a investigação sobre a percepção, interpretação e orientação dos estudantes acerca do saber histórico (FRONZA, 2021, p. 97). Cabe-nos utilizá-las como historiadores, pensando em sua produção e estabelecendo, junto aos estudantes, os critérios de validação que *eles(as)* devem adotar ao buscar tais fontes de informação para seus estudos.

Metodologia

A seleção dos vídeos a serem analisados teve por base dois critérios simples: número de acessos (ou visualizações) e não ser um *canal* especializado na temática étnico-racial.

Assim, buscamos a análise de vídeos que estudantes da educação básica procuram e assistem sem estabelecer critérios muito rígidos de seleção. Entendemo-los, de modo generalista, como majoritariamente desprovidos de letramento racial, o que a escolha de vídeo(s) de um *canal* especializado enviesaria.

O critério das visualizações é crucial porque são esses os primeiros vídeos a serem exibidos pelo mecanismo de buscas do *YouTube*, o que os torna mais facilmente assistidos pelos estudantes. Logicamente, isso leva a uma retroalimentação na popularização desses vídeos, provida pelos algoritmos utilizados pela plataforma. Não abordaremos a lógica sociotécnica ou algorítmica das plataformas digitais, como o *YouTube*, mas não podemos deixar de reconhecê-la: os vídeos assistidos pelos alunos não o são por escolha totalmente espontânea ou livre de influência externa.

Há que notar o impacto que o número de visualizações de um vídeo tem na escolha do estudante, que entende o índice como uma validação da *qualidade* do vídeo – conteúdo, estética, linguagem, etc seriam chancelados pelo grande número de espectadores, o que, a propósito, é uma lógica própria da internet. Assim, se a validação do vídeo depende de uma lógica alheia à autoridade científica ou ao reconhecimento dos saberes e vivências do produtor ou emissor da mensagem, o que parametrizaria tal validação?

Uma resposta pode estar na pesquisa de Brito e Rodrigues Jr (2018), em que estudantes foram instados a assistir a um vídeo sobre o fascismo produzido por um *youtuber* com grande “audiência digital”, Felipe Castanhari. Percentual considerável (51%) daqueles estudantes apontou o *canal* de Castanhari como uma das fontes de pesquisa possíveis para estudarem História por meio do *YouTube*. Entre aqueles que assistiram ao vídeo proposto, boa parte das respostas ao questionamento sobre o que lhes teria chamado mais atenção no vídeo traz a palavra “forma”.

As respostas que indicaram a forma e o verbo explicar, permitem visualizar a relação estabelecida pelos estudantes com o *YouTuber*. A estudante 3 responde “A forma como ele explica o conteúdo”. A estudante 4 disse “a capacidade de o rapaz explicar o fascismo de uma forma compreensiva”. O estudante 5 afirmou “A forma em que ele apresenta o conteúdo, super descontraído, nada muito superficial, e ele explica de uma forma muito clara”. As respostas destacam a forma com que Felipe Castanhari explica o

conteúdo proposto. Dessa maneira, foi possível construir a hipótese inicial de que a forma do audiovisual assistido pelos estudantes se sobrepôs ao conteúdo histórico trabalhado. (BRITO; RODRIGUES Jr. 2018, p. 83)

A autoridade deslocou-se do conteúdo para a forma. Assim, o domínio da linguagem digital, muito mais próxima ao entretenimento, é assombroso sobre a figura do professor. Carvalho (2018), questiona onde está a autoridade do historiador na era digital e, de acordo com os dados apresentados e com a vivência em sala de aula, no chão da escola, podemos concluir que ela não necessariamente se perdeu, mas foi subsumida pela forma, pela apresentação. Assim, ferramentas digitais e de edição se sobrepõem em importância à pesquisa histórica e ao saber acadêmico para a validação dos vídeos pelos estudantes da educação básica (e talvez para o *infonauta* médio). O *notório saber* parece ter sido reduzido apenas ao primeiro termo.

O Almirante Negro invisibilizado

A Revolta da Chibata, ocorrida em novembro de 1910, caracterizou-se pela ameaça, partida dos Marinheiros de bombardeiro à capital da República. A ação violenta seria uma retaliação à manutenção dos castigos corporais na Marinha de Guerra, além de outras reivindicações. Amplamente noticiada à época pela imprensa, que denominou o Marinheiro João Cândido Felisberto, a principal liderança, de “Almirante Negro”.

A situação então impensável de um homem negro ser Almirante talvez ainda seja atual. Não conseguimos encontrar dados raciais sobre o almirantado brasileiro, exceto a promoção a Contra-Almirante da médica Maria Cecília Barbosa da Silva Conceição, ocorrida em 2023 e noticiada na imprensa (BRASIL, 2023). Questionada em entrevistas, abordou o quase ineditismo da promoção de uma mulher ao posto (é apenas a terceira), mas quando questionada sobre o racismo, tratou de submergi-lo:

CORREIO BRASILIENSE – Existem questões delicadas não só na Marinha, no ambiente militar, que são o problema do assédio a mulheres e a questão do racismo. Como a Marinha trata disso?

ALM. MARIA CECÍLIA – A instituição repudia qualquer ato de discriminação, de racismo, qualquer coisa que se faça nessa esfera é considerada uma contravenção disciplinar, e o contraventor pode sofrer

sanções. Passa primeiro por uma investigação, uma sindicância, para saber da ocorrência realmente daquele fato. Conforme o resultado da sindicância, o imputado pode sofrer sanção disciplinar militar e até mesmo, na esfera judicial, sofrer sanção criminal, porque é crime. Eu nunca observei nenhum fato desse na minha vida. Nunca testemunhei nem fui vítima de um ato desse. Se tivesse tido a oportunidade de presenciar ou de ser vítima de um ato desse, certamente teria a quem recorrer, e essa pessoa (o agressor) certamente seria punida.

CORREIO BRASILIENSE – Tanto em relação ao assédio quanto ao racismo?

ALM. MARIA CECÍLIA – Com certeza, mas nunca sofri nenhum tipo de discriminação na minha carreira. (DOURADO, 2023)

A persistência do marcador racial nos quadros das Forças Armadas, especialmente na Marinha, e a tentativa de sua invisibilização, como é perceptível na fala pública da Almirante, marcam a importância da memória sobre a Revolta da Chibata e sobre João Cândido. Durante décadas, tentou-se apagá-lo da História, e ante a simples citação de seu nome, a Marinha de Guerra reagia de imediato, tentando desqualificá-lo. Conforme nos relata Nascimento (2020), aconteceu em 1946, em 1948, em 1955, em 1959. E, novamente, em 2024, atestando a atualidade do tema, o Comandante da Marinha emitiu uma nota oficial da Força como resposta à tramitação de projeto de lei para inscrição de João Cândido no Livro de Heróis da Pátria. Em suas palavras, o Almirante Marcos Olsen classificou o velho marinheiro e seus companheiros como “abjetos”, “opróbrio” e sua ação como um “vexame”.

A posição oficial da Armada é, portanto, a mesma de 114 anos antes: é inaceitável que a História da instituição e o heroísmo a ela relacionado sejam originários das patentes baixas, da gente comum e negra, realizando um movimento que escancarava as distinções raciais internas à Marinha. Santos (2024), nos brinda com um chamado à reflexão:

Não se trata de aceitar ou não que João Cândido seja um herói nacional, pois como bem disse seu filho Adalberto Cândido, ele já é um herói popular (...). A questão é: por que, mais de 100 anos depois da Revolta de Chibata, a Marinha ainda tem medo de um homem negro, filho de ventre livre, que lutou pelo fim de chibatadas? O que mete medo, nos dias de hoje, nas lutas por liberdade feitas pelos dragões do mar de outrora? (...) com quem está a desonra pública e a degradação social nessa história toda? (SANTOS, 2024)

A atualidade da invisibilização de João Cândido e seus companheiros reflete a permanência, nas Forças Armadas e em outros setores da sociedade, de mentalidade sobre as relações étnico-raciais que visa a negar as diferenciações. Os estudantes têm debatido essa mentalidade na educação básica, especialmente nas críticas ao mito da “democracia racial”, mas o caso em tela é emblemático tanto pelo momento em que acontece – a tentativa de construção de um “Brasil civilizado”, na expressão característica da Primeira República, o que seria também expresso na renovação da frota naval – quanto pela sua permanência, expressa na declaração recente do Comandante da Marinha.

A invisibilização deve ser combatida como uma educação voltada à promoção do letramento racial e de práticas antirracistas, e isso também pode – e deve – ser feito por meio dos vídeos do *YouTube*. Essa preocupação não apenas pode trazer a lume personagens importantes para a História do Brasil, que deveriam ser de conhecimento dos estudantes, mas também proporcionar debates acerca das relações étnico-raciais na construção da cidadania e da própria Nação. Sob esse prisma analisaremos alguns vídeos acerca da Revolta da Chibata (ou que a abordem) disponíveis na referida plataforma.

O Navegante Negro e o infonauta

A invisibilização de João Cândido e da Revolta da Chibata é enfrentada pelo livro de Edmar Morel, publicado em 1958. Como nos informa Nascimento (2020, p.175), “Morel produziu uma ‘história vista de baixo’ conjugada ao seu compromisso biográfico com o ‘herói da ralé’”. Contudo, com o golpe de 1964 e a ditadura que se seguiu, a obra foi recolhida das livrarias e a figura de João Cândido voltou a ser invisibilizada, censurada a imprensa. Com a anistia de 1979, obra de Edmar Morel teve uma reedição e, naquele mesmo ano, a Revolta da Chibata e o almirante negro foram parar nas páginas dos livros didáticos.

Falta uma pesquisa mais sistematizada sobre o retorno ou permanência de temas como revoltas populares nos livros didáticos, entre 1964 e 1990. Foi o livro de Francisco Alencar, Lúcia Carpi Ramalho e Marcus Venício Toledo Ribeiro, *História da Sociedade Brasileira*, de 1979, que trouxe novamente a Revolta da Chibata a estudantes do Ensino Médio.

De lá aos dias atuais, a Revolta e João Cândido estão nos livros didáticos de qualquer escola, exceção feita a raros compêndios da Educação Básica, tamanha a relevância que o tema traz à tona quando pensamos nos caminhos da expansão da democracia, em direitos humanos e no desenvolvimento crítico de estudantes. (NASCIMENTO, 2020, p.194-195)

Se até 1979, João Cândido, falecido 10 anos antes em dificuldades financeiras e distante do Cais Pharoux, na Praça XV, onde descarregara peixes por quatro décadas após sua expulsão da Armada, era um fantasma, invisível, mas que quando surgia causava grande temor nas Forças Armadas, a partir de então ele passou a estar mais materializado do que nunca. “Mestre-Sala dos Mares”, música de João Bosco e Aldir Blanc que escapara à censura em 1974 ao ter renomeado o “Almirante Negro” para “Navegante Negro” já prenunciara que a abertura faria ressurgir a figura do velho marinheiro.

De lá pra cá, João Cândido, a Revolta da Chibata e a canção de Bosco e Blanc têm presença constante nas aulas de História da Educação Básica. Assim, ante a larga utilização de vídeos – instrucionais ou não – pelos(as) estudantes, fazemo-nos a pergunta diante de vídeos sobre a Revolta da Chibata no *YouTube*, que é a plataforma mais acessada: como são abordadas as relações étnico-raciais nos vídeos sobre a Revolta? Para responder à pergunta, selecionamos vídeos na referida plataforma usando como critério a quantidade de visualizações. Alguns vídeos têm comentários dignos de citação, que não utilizaremos de forma rigorosa para não desviar do texto que ora construímos, até porque não os analisaremos em profundidade.

Os dois vídeos com maior número de visualizações não são, a rigor, sobre a Revolta da Chibata, ou sobre João Cândido. São resumos sobre a República Oligárquica em que se aborda a temática por breves trechos. O primeiro desses, e mais assistido no *YouTube*, com 2,6 milhões de espectadores, é o resumo feito por Débora Aladim. Formada em História pela UFMG, ela começou a fazer vídeos ainda quando cursava o Ensino Médio, com resumos voltados a jovens da mesma faixa etária. A ação rendeu frutos, e ela é considerada uma das mais influentes *edutubers* (produtores de conteúdo educacional no *YouTube*) do país na atualidade (PACHECO, 2023).

Nos 25min33seg de duração, o vídeo aborda a Revolta da Chibata e João Cândido entre 12min57seg e 15min33seg., apontando o motim como uma retaliação à Política das Salvações do governo Hermes da Fonseca. Há um corte e uma edição do vídeo, adicionando posteriormente trecho sobre a Revolta da Chibata, já que a autora, segundo ela própria, teria esquecido de gravar sobre o tema. No mesmo canal há vídeos dedicados exclusivamente a outros movimentos populares da Primeira República (Guerras de Canudos e do Contestado e Revolta da Vacina) gravados no mesmo ano. À Revolta da Chibata coube, no entanto, apenas um trecho do vídeo ora em análise.



Fonte: Canal Debora Aladim: *Resumo de História: República Oligárquica*. 21/09/2016.

A abordagem da autora à Revolta foca nos castigos corporais, mas passa ao largo do debate sobre seu uso como permanência de mentalidade escravista duas décadas após a Abolição. Transcrevemos de forma livre, porém fidedigna, o trecho abaixo:

“Foi um movimento super-rápido; vai ser rapidinho de a gente resumir. Marujos fizeram revoltas contra castigos físicos que recebiam no Exército (sic). Vários castigos corporais, principalmente com o uso da chibata... chibatadas, chicotadas, enfim! Os marujos eram muito castigados por qualquer coisa errada que eles faziam (...) *principalmente marujos negros*,

que recebiam mais castigos (grifo nosso), decidiram se revoltar”.
(ALADIM, 2016)

Os minutos seguintes são destinados a descrever o desenrolar do movimento sem dar muitos detalhes. Um exemplo é o uso do termo “barco(s)” para se referir ao(s) encouraçado(s) envolvido(s) na Revolta, sem a devida contextualização. A questão étnico-racial não é debatida, e só teve a menção destacada supra. O inverso ocorre com o segundo vídeo mais assistido sobre o tema que, do mesmo modo que o anterior, é um resumo sobre a República Oligárquica.



Fonte: Canal Historiar-te: *República Oligárquica – Resumo Desenhado*. 02/09/2019.

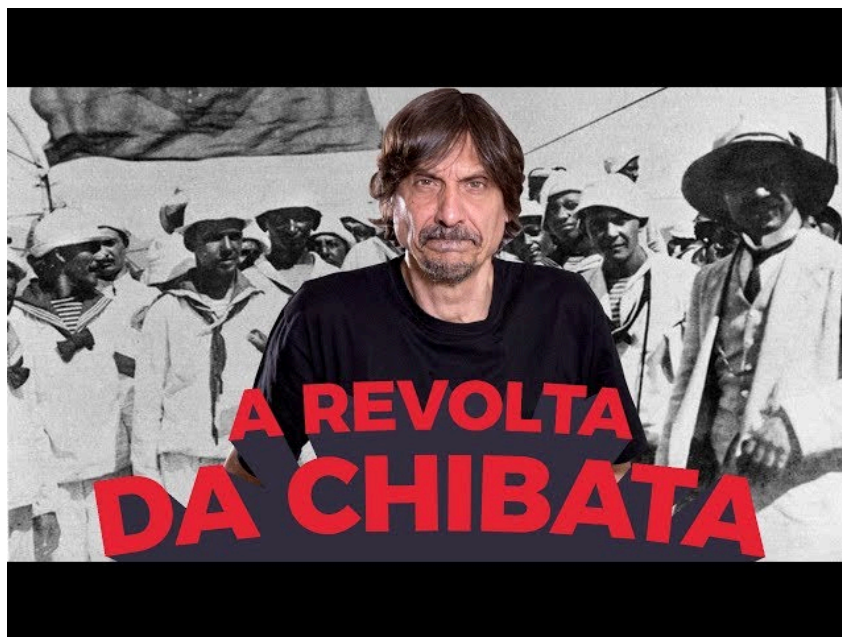
Este vídeo foi produzido e disponibilizado pelo canal Historiar-te que, em sua definição é um projeto de uma estudante do Ensino Médio, iniciado em 2018, objetivando a democratização do conhecimento, promovendo o aprendizado por meio da arte, “para oferecer a estudantes não-tradicionais uma forma prática e inclusiva de aprender o passado para compreender o presente” (CANAL HISTORIAR-TE, s/d). Segundo o mesmo texto, os roteiros são desenvolvidos com auxílio de professores de História, ainda que não indique quais.

A narradora dos vídeos, que se presume ser a autora, publicou o vídeo em análise em 02 de setembro de 2019, e ele consiste em um “resumo desenhado” que contém referências à cultura *pop*, demonstrando preocupação com conteúdo e forma. No vídeo de 14min53seg, a Revolta da Chibata está presente no trecho entre 6min55seg e 7min30seg e, neste caso, há menção explícita à questão étnico-racial no pós-Abolição. “Muitos marujos tinham origem pobre e escrava, sofrendo muito com a desigualdade social e racial existente na Primeira República. Mesmo após o fim dos castigos, os rebelados foram altamente punidos e torturados” (HISTORIAR-TE, 2019).

Os comentários do vídeo contêm referências à quarentena durante a pandemia de Covid-19, em que os estudantes de todo o país estudaram remotamente, muitas vezes com o uso de vídeos do *YouTube* recomendados pelos próprios professores, e também comentários em que estudantes afirmam buscar informações em véspera (ou na própria data) de prova.

Analisando esses comentários, percebe-se que parte considerável do alunado utiliza vídeos do *YouTube* como fonte de estudo mesmo após o período de aulas remotas/híbridas, possivelmente pela facilidade de acesso àquela plataforma e ao dinamismo dos vídeos, com recursos imagéticos e sonoros a que a imensa maioria dos professores não tem acesso, ou não consegue mobilizar, devido à elevada carga de trabalho. O já mencionado *YouTuber* Castanhari aborda essa mesma questão em entrevista citada por Brito e Rodrigues Jr. (2021, p. 76).

Não há como o professor competir com os vídeos, mas pode utilizá-los a seu favor, em colaboração à sua aula. Pode atuar também corrigindo equívocos e pontuando ausências que os estudantes podem demonstrar ao estudar apenas pelos vídeos, indicando-lhes bibliografias e material de apoio. Nesse ponto, de modo curioso, tem se destacado com seus vídeos um jornalista que foi muito atacado pelos historiadores no final dos anos 1990 e na década seguinte pela ausência de rigor histórico em suas análises: Eduardo Bueno.



Fonte: Canal Buenas Ideias: *A Revolta da Chibata*. 22/11/2017.

Migrando da escrita para a produção visual, o jornalista conhecido como “Peninha” faz questão de pontuar em seus vídeos as fontes de onde extraiu as informações que compartilha. Seus vídeos demonstram preocupação com o conteúdo e com a forma, mesmo não sendo grandes produções (como os de Castanhari). Em seu canal *Buenas Ideias*, o jornalista publicou um vídeo sobre a Revolta da Chibata em 22 de novembro de 2017, aniversário do episódio, que já conta com mais de 726 mil visualizações e 1.500 comentários até janeiro de 2025. Além de narrar os passos da Revolta, inclusive abordando o recrutamento muitas vezes forçado, e destacando a destreza de João Cândido no leme do Encouraçado “Minas Geraes”, Bueno aborda sua passagem pelo Hospício de Alienados e as dificuldades no fim da vida.

Talvez o mais interessante seja o destaque dado por *Peninha* ao valor que tem o personagem histórico João Cândido para a História do Brasil e sua menção explícita à chibata como resquício da escravidão. Contudo, credita a importância do episódio ao fato de o país ser “vil, ímpio e infame” sem, contudo, abordar a questão da negritude de João Cândido e demais marujos e a relação disto com a referida revolta. Os comentários ao vídeo são muito diversos, com inúmeros tecendo breves análises sobre a importância da Revolta,

do conhecimento da História Pátria ou elogiando o canal. Um deles chamou a atenção ao informar que a temática havia caído no ENEM (pela data, em 2019), e que havia acertado a questão. O usuário tem a palavra “professor” em sua identificação, o que nos faz pressupor que conseguiu a aprovação para o curso desejado. Assim, ainda que não seja o objetivo de Bueno, seu canal também cumpre uma função na educação escolar.



Fonte: Canal TV Senado: *A Revolta da Chibata*. 29/11/2017.

O vídeo seguinte, seguindo nosso critério, está disponível no canal da TV Senado desde 29 de novembro de 2017 e já conta 273.500 visualizações. Trata-se de vídeo curto, de cerca de 5min e que, analisando os comentários, já foi utilizado por estudantes para preparação para exames. O vídeo tem um caráter institucional, mas é informativo e conciso, o que cremos ser a razão do grande número de acessos que tem. Abordando o desenrolar da revolta desde sua motivação, destaca a figura de João Cândido e sua luta, que classifica como sendo “pelos Direitos Humanos”, sendo o marinheiro admirado por isso à época. Ainda que soe anacrônico, pode-se considerá-lo como tal carregando nas tintas. Ao final, o vídeo informa que João Cândido terminou seus dias como anônimo, o que Nascimento (2020) deixa claro ser equivocado.

Com pouco mais de 127 mil visualizações, o próximo vídeo em análise foi disponibilizado em 23 de agosto de 2022 pelo Canal Nerdologia, e é o mais completo de todos, apesar do tempo relativamente curto (8min e 6seg). Além de traçar um panorama da

Revolta em si, destaca fortemente as motivações raciais do levante, desde a percepção dos marinheiros de aspectos retrógrados e abusivos da Marinha, quando viajam à Inglaterra, à verbalização de que as chibatadas como castigo eram consequência da escravidão. Da mesma forma, destaca a origem de João Cândido, nascido em 1880, “filho do ventre livre”.



Fonte: Canal Nerdologia: *A Revolta da Chibata e os encouraçados brasileiros*. 23/08/2022.

O vídeo aborda adequadamente que “Almirante Negro” foi a forma pela qual a imprensa denominou João Cândido por seu papel na Revolta, e destaca que isso resultou em caricaturas racistas. Aborda a permanência das questões escravistas no pós-Abolição, citando bibliografia a respeito, além da anistia concedida ao marinheiro em 2008. Encerra classificando o vídeo como um recorte, o que traz ao estudante uma noção de que não está contido ali todo o conhecimento a respeito do movimento, que pode ser trabalhado a partir de outros aspectos. Muitos dos comentários abordam a necessidade de se dar o devido destaque à figura de João Cândido na História Pátria, e alguns abordam a persistência de práticas preconceituosas nas Forças Armadas.

A discussão sobre as relações étnico-raciais nos vídeos sobre a Revolta da Chibata disponíveis no *YouTube* não é muito extensa. Como vimos, é pouco abordada, havendo uma concentração no desenrolar da revolta ou na descrição superficial de eventos (mesmo nos vídeos que não são “resumos”). Não apenas da imensidão de conteúdos a abordar, essa

ausência se relaciona à manutenção do *status quo* que a Revolta da Chibata não conseguiu romper. As declarações recentes do Comandante da Marinha corroboram isso. Parece que, mesmo em tempos de liberdade de expressão e passados cinquenta anos de sua morte, a figura de João Cândido é um fantasma muito presente na sociedade.

Considerações finais (ou o Fantasma do Navegante)

Indiscutível o uso cada vez maior de vídeos por estudantes com finalidade educacional, e isso ocorre também com vídeos não pensados para a educação escolar. É importante ao docente pesquisar tais fonte de informação, porque são elas que os estudantes vão utilizar. Os vídeos são ótimas ferramentas para fixação de conteúdo ou para começar a abordá-los, aprofundando as discussões em sala. Assim, por mais que esteja em boa parte ausente o debate sobre as relações étnico-raciais, o docente pode estabelecê-lo a partir dos vídeos. Como se realizasse uma “curadoria” desses materiais audiovisuais disponíveis, o professor traria ao alunado fontes de informação adequadas e complementares àquilo que será abordado, esclarecido (e eventualmente corrigido) em sala de aula.

Se um vídeo aborda um aspecto interessante e comete um equívoco histórico, o(a) docente pode trabalhar essas questões com os estudantes, dotando-os de crítica, um dos objetivos da ação educativa *per se*. A supracitada “curadoria” enviesaria o acesso ao conteúdo pelo(a) estudante, mas fugiria da lógica algorítmica da plataforma.

Note-se que foi feita uma opção metodológica neste trabalho de não utilizar vídeos de canais especializados nas temáticas de negritude e relações étnico-raciais, pois os entendemos como voltados a um público específico que não corresponde à maioria dos estudantes. Isso não significa que não haja estudantes buscando informações nesses canais, mas eles são bem menos acessados do que aqueles aqui utilizados. Isso embasou as escolhas e, por conseguinte, as análises.

À guisa de conclusão, entendemos que uma educação efetivamente antirracista deve não apenas abordar as personagens como João Cândido, mas debater com os alunos sua presença na sociedade brasileira atual. Quantos outros indivíduos se posicionam contra

práticas racistas, manifestam orgulho de sua negritude, ensinam debates sobre os direitos humanos, ainda que sem a notoriedade das personagens tratadas?

Por isso, ainda que haja uma homenagem concreta da estátua a João Cândido na Praça XV, seu fantasma, tão ameaçador a uma ordem social da branquitude, viverá enquanto continuarmos na luta por educação e sociedade antirracistas; enquanto repisarmos as pedras do cais.

Referências

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina V. É chegada “a ocasião da negrada bumar”: comemorações da Abolição, música e política na Primeira República. IN: **Varia História**. Belo Horizonte, vol.27, nº45: p.97-120, jan/jun 2011.

ALADIM, DEBORA. **Resumo de História: República Oligárquica**. YouTube, 21/09/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FmGVa7W--mg&list=PLnJgBf9ZQZZ_u61gqV16KhGuIkwMnarwW&index=4 Acesso em 10/07/2024.

BRASIL. SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Presidente da República recebe oficiais-generais promovidos para cumprimentos. Entre eles, a primeira mulher negra Almirante**. 06/04/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/04/presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-recebe-oficiais-generais-promovidos-para-cumprimentos-entre-eles-a-primeira-mulher-negra-a-se-tornar-almirante> . Acesso em: 08/07/2024.

BRITO, K. O.; RODRIGUES Jr., O. Entre forma e conteúdo: os estudantes do Ensino Médio diante das temáticas históricas no YouTube. IN: FRONZA, M.; RODRIGUES Jr., O. **Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paruna Editora, 2021, p. 73-96.

BUENO, Eduardo. **A Revolta da Chibata**. YouTube, 22/11/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5Sv6HrN-Rt4&list=PLnJgBf9ZQZZ_u61gqV16KhGuIkwMnarwW&index=2 Acesso em: 11/12/2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

DOURADO, Isabel. **Primeira almirante negra da Marinha: mulher tem que ser "protagonista"**. Correio Brasiliense, 12/07/2023. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2023/07/5108404-primeira-almirante-negra-da-marinha-mulher-tem-que-ser-protagonista.html> . Acesso em: 10/07/2024.

FRONZA, Marcelo. As evidências audiovisuais mobilizadas por vídeos de história no YouTube como possibilidade de aprendizagem histórica dos jovens estudantes portugueses. IN: FRONZA, M.; RODRIGUES Jr., O. **Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paruna Editora, 2021, p. 97-114.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HERMETO, M. e FERREIRA, R. A. (orgs.) **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

HISTORIAR-TE. **República Oligárquica – Resumo Desenhado**. YouTube, 02/09/2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XT8KLGmjqaA&list=PLnJgBf9ZQZZ_u6lqgV16KhGuIkWmNarwW&index=8 Acesso em: 08/11/2023

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ALMEIDA, J. R. e ROVAI, M. G. O. (orgs.) **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **João Cândido: o mestre sala dos mares**. [Livro eletrônico]. Niterói: Eduff, 2020.

NERDOLOGIA. **A Revolta da Chibata e os encouraçados brasileiros**. YouTube, 23/08/2022. Disponível em: <https://youtu.be/2PBkCXnNaG8?si=R9XLk8zRGilbGk-j>. Acesso em 22/11/2023.

PACHECO, M. **Como professora musa de 25 anos virou fenômeno com pílulas de história nas redes sociais**. R7, 18/06/2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/como-professora-musa-de-25-anos-virou-fenomeno-com-pilulas-de-historia-nas-redes-sociais-18062023/> Acesso em: 11/07/2024.

ROSENZWEIG, Roy. **Clio conectada: o futuro do passado na era digital**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

SANTOS, Cleberson. **Olá, meus queridos amigos! Assim, Felipe Castanhari começa cada vídeo do canal Nostalgia que tem alcançado salas de aula por todo o país**. 2020. UOL, Disponível em:



<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-felipe-castanhari/#cover>.
Acesso em: 11/07/2024.

SANTOS, Yanê Lopes dos. **A Marinha e o medo dos dragões do mar**. DW, 09/05/2024.
Disponível em:
<https://www.dw.com/pt-br/a-marinha-e-o-medo-dos-drag%C3%B5es-do-mar/a-69032443>
Acesso em: 11/07/2024.

TV SENADO. **A Revolta da Chibata**. YouTube, 29/11/2017. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=rtfeS0WSXhY&list=PLnJgBf9ZQZZ_u61gqV16KhGuIkwMnarwW&index=5. Acesso em: 22/11/2023.